

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — Custódio dos Santos Lima Guimarães

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampa	1\$20
Semestre, idem	700
Ano, com estampa	1\$50
Semestre, idem	750
África e Brasil, por ano (moeda forte)	2\$25
Número avulso	504

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 40 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	200
Repetição dos mesmos	200
Anúncios permanentes, contracto especial	
As obras literárias anunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.	
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.	

Lá por fóra

O que há de mais importante, neste momento, com respeito á guerra é... a paz.

Vão os exércitos alemães retirando na frente ocidental e já retiraram sem combater, não se dispensando, todavia, de causar ao inimigo a maior soma de prejuízos, que para eles, os alemães, não representam a mínima vantagem militar.

A *guinada* de 21 de Março levou os alemães a uns 60 quilómetros de Paris, isto é, quasi colocou a capital francesa debaixo da sua artilharia grossa. Houve um momento em que a todos pareceu inevitável a conquista de Paris e, na opinião de muitos, a conquista de Paris seria o fim da guerra com a vitória alemã. Foi possível, em 70, organizar o chamado exército do Loire e esse exército, se tivesse sido inteligentemente comandado (um exército de 800 mil homens) talvez tivesse obrigado os alemães a levantar o cerco de Paris, tomando o caminho da fronteira para não serem aniquilados. Mas hoje a França está toda em armas; na sua população civil não há elementos para se constituir um novo exército, tanto mais que, na guerra actual, um exército de 800 mil homens, sendo uma força a ter em consideração como reforço, é coisa modesta perante os efectivos, que atingem milhões, dos exércitos em presença.

Chegaram muito perto de Paris os alemães na suaabalada de Março e eis senão quando os aliados iniciam o seu retorno ofensivo, já em regime de comando único, e aí começam os alemães a recuar, combatendo vigorosamente, é certo, mas a recuar constantemente.

Um belo dia a Bulgária, incapaz de resistir ao exército de Salónica, entrega-se á descreição e não tardou que a Alemanha (sem que tal se esperasse!) dirigisse uma mensagem ao Presidente Wilson propondo um armistício para se tratar da paz.

Facilmente se compreende que a Alemanha, no ponto de vista militar, se encontre pobre de recursos, mas difficilmente se admite que essa pobreza seja tão grande que ela não pudesse sustentar, por alguns meses, a luta passando á defensiva, se visse diante de si a mais ligeira probabilidade de vitória. A Alemanha não poderia ficar so no campo a bater-se contra todos os aliados e bem pôde ser que ela adquirisse a certeza de que ia ser abandonada pelos seus parceiros, os Bulgaros e os Turcos, já convencidos de que a guerra lhes

não trazia proveitos, e a Austria-Hungria, incapaz de manter o artificio da sua unidade política, o mais disparatado artificio que há no concerto europeu.

Seja como fór, a verdade é que os exércitos alemães vão abandonando os terrenos conquistados, não já sob a pressão inimiga combatendo na retirada, mas abandonando-os como quem restitue a coisa alheia de que se apossára e para manter a qual nem tem força nem se reconhece com direito.

Não tardará que a França e a Bélgica estejam completamente limpas da soldadesca alemã, sendo duvidoso que a mesma coisa suceda á Alsácia e Lorena. Estas provincias foram extorquidas á França em 71; mas um tratado, na devida forma, sancionou essa extorsão, que passou a ter valor jurídico—o valor que tem os tratados—para todos os efeitos da politica internacional. E' natural que os alemães não queiram desocupar essas provincias alegando que elas, por legitimidade do direito de conquista, não se podem considerar como a Bélgica, como o Norte da França, terra alheia ocupada; mas também é natural que os aliados se não dispensem dessa exigência considerando que o direito só criado pela força é sempre um direito precário.

Estará para muito breve a Paz?

Creemos que sim, mas há quem não tenha o nosso optimismo e acredite que a guerra durará ainda por algumas semanas, porventura alguns meses, podendo estes somar-se até formarem uma nova unidade.

Certo é que o exército alemão, cujas perdas tem sido grandes, muito grandes, desde Julho para cá, não está aniquilado, e, diminuído como se encontra, ainda representa uma força considerável. As fortificações do Reno, que já eram excelentes antes da guerra, devem ter sido aperfeiçoadas segundo os ensinamentos destes longos quatro anos de constantes batalhas, pondo-se á prova o que para a guerra tinha sido feito até começarem as hostilidades e improvisando-se, depois de elas começarem, o que as circunstâncias mostram ser necessário ou vantajoso.

Um tal exército posto a guardar a sua fronteira, não reclamará uma paz que o não humilhe? uma paz que não diminua a grandeza da sua nação? uma paz que reconheça a soberania do povo alemão, maior que todos os outros povos da Europa?

E' de justiça acreditar que o Presidente Wilson não dispensando uma única garantia de paz durável,

de paz fecunda, de paz que não seja uma simples suspensão de armas, se dispense de exigências que a nada mais correspondam que á satisfação de ódios, embora legítimos, por maneira que o direito não fique a fazer debaixo da força aguardando o momento de ser força para obrigar ao reconhecimento da sua legitimidade.

Consideramos a guerra virtualmente acabada; mas ainda se acastelam nuvens no horizonte e até que elas se dissipem por completo há que reccar tempestade.

J. G.

PRESOS

Por motivo d'um movimento revolucionário que se esboçou, o governo mandou prender grande número de republicanos.

Temos entre elles correligionários e amigos.

São culpados?

O governo prendeu a esmo e tem prendido tanta gente, ha dez meses, sem lhe dizer porque a prende ou porque a solta, que é possível que só os tenha prendido pelo mesmo ignorado motivo que a tantos outros tem levado á cadeia, sem processo, sem interrogatorio, sem o pudor comestinho de qualquer fórmula judiciária.

Seja como fór, nós não os consideramos capazes de entrar numa revolução que não tivesse, em sua consciencia, um determinante legitimo e um objectivo elevado.

Nas revoluções anda muita gente estimulada apenas por ambições, por cálculos, por estreitissimos interesses ou pequenissimas vaidades; mas ha sempre nelas uma porção de gente honrada e decidida que se bate apenas pelos seus principios, e por elles se sacrifica sem mira em outro salário que não seja o prazer de os ver dominar.

Entre essa gente de principios estão pelo menos aqueles presos que conhecemos, e cujo amor pela Republica e o desejo de a verem forte e perfeita, de há muito conhecemos, na sincera e ardente veemencia dos mesmos combates em que andámos.

Não os julgamos culpados. Eles foram decerto presos só porque são republicanos que não transigem com esta situação com que realmente republicanos não podem trasigir. Serão restituídos á liberdade, a menos que se não colha o pretexto para os castigar pelo delicto grave de republicanos serem. E a sua prisão explicarse-há, como tendo sido uma simples medida preventiva.

O que nós precisamos, porém, de dizer-lhes é que, em todas as hipoteses, não lhes faltará a nossa solidariedade de republicanos e a nossa interessada simpatia de amigos.

E essa afirmação aqui fica, sem reservas.

Subscrição a favor DOS PRISIONEIRO PORTUGUESES

Abriu-se o importante jornal de Lisboa e nosso respeitável colega «Diário de Notícias», a qual já atingiu quantia superior a 66:000\$00 escudos.

A iniciativa daquele nosso presado colega tem merecido os encómos de todo o país e muitos jornais da provincia abriram nas suas colunas—por instâncias delle—subscrições subsidiárias daquela, por exemplo o nosso colega «Ecos de Guimarães».

Não nos abalançamos a tanto da nossa parte, mas muito sinceramente nos interessamos e desejamos se interesse o público vimaranense (onde felizmente abundam os ricos) pela desgraçada sorte dos nossos compatriotas prisioneiros e põmos ao serviço de tão nobre causa todos os meios de publicidade e propaganda, sendo todo o nosso desejo que suba depressa a centenas de escudos a subscrição aberta pelo nosso colega local.

Três são as comissões que diligenciam angariar socorros para os prisioneiros portugueses na Alemanha:

O *Comité de secours aux militaires et civils prisonniers de Guerre*, a cuja frente está o sr. Ministro de Portugal em Berne e que tem a sua sede em Lausanne;

a Comissão protectora dos prisioneiros de guerra portugueses, constituída por senhoras e exclusivamente composta de mães, esposas, filhas e irmãs de prisioneiros, a qual funciona em Lisboa;

e ultimamente a Comissão de socorros portuguesa no campo de Duclmen, formada por militares prisioneiros, com permmissão das próprias autoridades alemãs.

As cartas que essas três comissões dirigiram ao «Diário de Notícias» são duma eloquencia comovedora, e não há português, digno deste nome, que não se sinta profundamente sensibilizado ao pensar na situação, cada vez mais afflitiva, dos prisioneiros que caíram em poder dos alemães, situação que as comissões aludidas descrevem em termos verdadeiramente impressionantes.

Escusado será pôr em relêvo, perante aqueles cujos nobres sentimentos merecem a devida justiça, o que há de imperioso na obrigação que a todos os portugueses corre de acudir aos nossos compatriotas vítimas da peor das desgraças—o exilio, longe das suas terras e das suas familias, com todo o cortejo de torturas morais, desde a saudade dos entes que lhes são queridos até á nostalgia da Pátria que talvez pensem não tornar a ver, e com o horror dos sofrimentos físicos, determinados por privações de alimentação, de agasalhos e das mais rudimentares comodidades da vida.

Essas privações tornar-se-hão, dia a dia, mais insuportáveis, se de Portugal lhes não valermos com o auxílio indispensável.

Destá fórmula correspondemos ao apêlo do «Diário de Notícias».

Não abrimos subscrição em nossas colunas, nem julgamos, na imprensa vimaranense, necessária mais que uma; mas da melhor vontade instamos que quantos podem acudir pressurosos a depositar no «Ecos de Guimarães» os seus donativos para os prisioneiros portugueses.

Cónego dr. António Júlio de Miranda

SEU FALECIMENTO

Escrevemos esta noticia sob a mais dolorosa das impressões. Ainda há pouco o viramos, senão válido, porque evidentemente nos últimos tempos a sua saúde estava combatida, todavia relativamente bom e sem que ninguém presumisse que tão para breve estivesse o seu desaparecimento deste mundo!

Descanse em paz, no seio de Deus, a sua formosa alma! Que a nossa saudade continuará imorredora pelo generoso mestre que, desde nossos tempos escolares bom guia e conselheiro, nos conservou pela vida fóra uma amizade cativante de que a nossa modéstia muito se envaidece.

Merecia a sua memória exarasesmos aqui a sua biografia, que á tem e muito distinta desde os seus tempos de estudante, atravez da sua laboriosa vida no Ultramar e do seu magistério no Seminário e no Liceu de Guimarães. Sômos, porém, apanhados em plena carência de tópicos biográficos. Nem do ano da sua formatura em Direito conseguimos pronta noticia.

O «Comércio do Porto», por ocasião das nomeações dos Cónegos para a Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Outubro de 1891, escrevia acerca do Dr. António Júlio de Miranda:

Bacharel formado em Direito, cónego da Sé de Loanda e professor do Seminário da mesma cidade, é natural do concelho de Barcelos.

E' intelligência lúcida e muito digno de reger uma cadeira de humanidades no novo Semmario. Tem longa prática do ensino das disciplinas preparatórias.

O «Jornal de Notícias» de 22 do corrente assim se referia ao illustre morto:

Em Barcelos faleceu o distintissimo professor do Liceu de Guimarães cónego dr. António Júlio de Miranda. Dotado de qualidades raras de talento e de trabalho, formou-se em Coimbra na faculdade de Direito. Orador floente e brilhante, sabedor e estudioso, em breve conquistou um lugar de destaque, havendo-lhe sido confiado no Ultramar um cargo difficil, que desempenhou com toda a honestidade e proficiencia. Voltando á metrópole, uma cadeira na Cole-

giada de Guimarães o esperava. O seu talento e as suas qualidades de professor erudito deram-lhe o respeito e a estima de todos. Professor do Liceu, o dr. Condego Miranda foi, para com os discípulos e examinandos, duma bondade única.

Pois esta figura admirável do clero português, que tanto presavamos pelo coração, pelo carácter e pela bondade, succumbiu ontem. Paz á sua alma.

Perfilhamos todas essas palavras como de inteira justiça, e á familia enlutada apresentamos as nossas condolências.

Oração para os bons e fiéis açambarcadores resarem durante sete dias, todas as manhãs em jejum

Senhor Deus, que em vossas mãos tendes o céu e a terra, fazei, Senhor, que esta guerra dure uns mezes mais a oito, pois bem sabeis como eu tenho toda a casa abarrotada de muita coisa comprada, para vender cá a meu jeito.

Vós que tendes, Senhor Deus, um poder tão sobrehumano e que, na roda do ano, tantos milargos fazeis, não deixeis vir sobre a terra tão cedo da paz o anjo, pois quero ver se inda arranjo mais uns contitos de reis.

Bem sei que c'os meus negocios já não estou mal governado. Com o que já tenho arranjado bem governadinho fico, porém, com toda a franqueza, (Vós bem o sabeis, Senhor) ficarei muito melhor, se ficar pôdre de rico.

Foi composta esta oraçãozinha em honra e beneficio dos açambarcadores em geral, querendo-se envolver nesta designação todos quantos vão explorando como quem o pobre consumidor, por exemplo e para citarmos os mais recentes entre nós, as ex.^{mas} leituras e os srs. carneiros.

Aquelas já lembrou alguém que, para castigo, fossem mobilizadas, o que (valha a verdade) em vez de pena talvez lhe fosse delicia.

Estes lembrariamos nós que fo-rem empalados.

Pois não tiveram eles o despalante de, sem dizerem agua-vai, dar mais um pulo no preço de cada kilo? Vão aos pulinhos como as rãs até ver... e nem sequer o anunciam ao martir São José Povinho. Se eles nem á Câmara dão satisfações como a lei obriga.

E—o que é bem pior—tambem parece que esta deixa correr. E' a coisa.

Com o que já tenho arranjado Bem governadinho fico; Mas—bem o sabeis, Senhor, ficarei muito melhor, se ficar pôdre de rico!

DISTRIBUIÇÃO DE ESMOLAS

Do produto liquido do bando precatório ultimamente promovido pela benemérita corporação dos Bombeiros Voluntários desta cidade, o sr. administrador do concelho mandou entregar 15 senhas da esmola de 250 a cada um dos periódicos locais e outras tantas aos correspondentes dos jornais de Lisboa e Porto, a fim de serem distribuidas pelos doentes pobres desta cidade e concelho.

Pelos párocos das três freguezias da cidade foi também feita uma larga distribuição de senhas, pois são elles, depois dos médicos, quem melhor conhece os carecidos de auxilio dentre os seus parquianos atingidos pela doença. As familias dos bombeiros pobres, doentes ou convalescentes, vão ser também contempladas.

As esmolas a distribuir foram na importância de 268.000, ficando o restante—uns 232.240—para o hospital dos pneumónicos, na rua de Francisco-Agra.

Incêndio numa fábrica

Na madrugada de sábado declarou-se incêndio, com grande violência, na fábrica de tecidos que o nosso amigo sr. José Mendes Ribeiro possuía na freguezia de Gondar, a dois passos do Pavim.

Dado o alarme nas torres da cidade, para ali partiu um piquete de bombeiros voluntários com o respectivo material, mas infelizmente tal socorro era tardio, visto que o incêndio lavrava há muito.

Da fábrica conseguiu escapar parte do escritório e algum maquinismo bastante danificado, sendo o resto pasto das chamas.

Dizem nos que os prejuizos, cobertos por várias companhias, se elevam a cerca de 50.000.000.

«Gil Vicente»

Saiu, com efeito, no último domingo, o 1.º número daquele collega local, que se propõe defender os interesses da nossa terra.

Excelentemente redigido por novos de comprovada intelligência, cremos que o novo semanário ha de triunfar sem grande esforço.

Desejando longos anos de existência ao «Gil Vicente», enviamos afectuosas saudações ao seu corpo redactorial.

CONFERÊNCIA

O sr. Gregório P. Costa, director da Sociedade Propaganda de Portugal, fez ontem á noite, na sede da Associação Commercial desta cidade, uma conferencia no intuito de lançar as bases para se constituir entre nós uma delegação daquela benemérita e patriótica colectividade, delegação que se destinará a tornar conhecidas no país e no estrangeiro, as imensas belezas naturais e pontos interessantes dignos de ser visitados neste belo rincão da terra portuguesa.

A assistência foi numerosa e selecta, sendo o conferente bastante aplaudido.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

NECROLOGIA

Succumbiu hoje de madrugada, na sua casa da rua da Liberdade, o nosso distinto conterrâneo sr. Visconde de Sendelo.

O illustre extinto, que foi vitimado por antigos padecimentos, teve outrora preponderância politica local e exerceu diversos cargos de destaque, entre elles o de administrador deste concelho.

Lamentando a sua morte, enviamos a sua ex.^{ma} familia, nomeadamente a seu filho, as mais sentidas condolências.

Faleceu ante-ontem, num quarto particular do hospital da Misericórdia, o nosso patricio sr. Ventura de Castro Meireles, irmão do alferes-miliciano de infantaria 20, actualmente em França, sr. José de Castro Meireles.

Prastrou-o a broncho-pneumonia. A mãe e irmão do indito manco enviamos condolências.

No mesmo hospital também succumbiu, igualmente vítima da epidemia reinante, o sr. Mario Lopes Cardoso, da freguezia de Ronfe, deste concelho, a cuja familia damos sentimentos.

Na freguezia de S. Martinho de Candoso, faleceu o sr. Manuel de Abreu Guimarães, filho do nosso respeitável amigo sr. José de Abreu Guimarães, proprietário da quinta da Batoca, naquela freguezia, e irmão do bemquisto eclesiástico rev. António de Abreu Guimarães.

O funeral do mlogrado moço, ao mesmo tempo que constituiu um tributo de saudade prestado á

sua memória, provou também a grande estima em que é tida a familia enlutada, a quem acompanhamos na sua dolorosa conjuntura.

No hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, faleceu o sr. António Francisco Lobo (o «Tum»), antigo barbeiro estabelecido na rua de S. Dámaso.

Pezames aos seus.

Arrematação

(1.ª publicação)

No dia 10 de novembro proximo, ás 11 horas, á porta do tribunal judicial desta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, são postos em praça para serem entregues a quem mais oferecer acima da avaliação, os seguintes bens de raiz:

A quinta ou casal da Taipá, situada na freguesia de S. João das Caldas, desta comarca, composta das seguintes glebas alodiaes:—O assento do casal com duas casas sobradadas, casas terreas, côrtes, alpendre, eira, casa de lagar com dois lagares, terrenos de horta com arvores avidadas, fruta e ramadas e campos lavrados e avidados;—Dois campos denominados das Teixugueiras, lavrados e avidados;—Um rocio com presa de agua;—Cerrado do Prado com cinco leiras e bouça pegada; terreno lavradio e avidado e de mato com carvalhos e pinheiros, tendo dentro em si um tanque. Neste predio foi cedido a Jacuina Corréa da Silva, da freguesia de S. Miguel das Caldas, o direito de minar agua com o encargo de fornecer agua para o predio descrito na Conservatoria desta comarca sob n.º 16.153;—Cerrado de Ranhó, composto dos predios denominados Herdade, Chã e bouça contigna, terreno lavradio e avidado e de mato e pinheiros;—Cerrado de Entre-Matos, terreno lavradio e avidado;—Campo da Insua, terreno lavradio e avidado;—Campo do Taboão, terreno lavradio e avidado;—Sorte no monte de S. Romão, de mato;—Sorte no monte das Cruzes, de mato e pinheiros;—Propriedade das Rochas, composta de uma casa e terreno de horta com arvores avidadas e de fruta.

Foi tudo avaliado em escudos 7:800.000, por quanto vai á praça.

A bouça de Monte, de mato com pinheiros, de natureza de praso foreira a Antonio de Carvalho Rebelo Teixeira de Sousa Cirne, a quem se paga o fóro anual de 205 com laudemio da 5.ª parte, avaliada livre de fóro e laudemio em 152.000.

Duas moradas de casas terreas, estando uma em ruinas, com arvôres e arvores avidadas e de fruto, situadas no logar das Teixugueiras, freguesia de S. Miguel das Caldas, desta comarca, avaliadas em 150.000.

Quatro moradas de casas terreas com terrenos de horta, arvores avidadas e de fruta,

no dito logar, avaliadas em 400.000.

Declara-se que da certidão da Conservatoria consta que os fundos do Cerrado do Prado pertencem hoje a Antonio Alves Teixeira, casado, proprietario, da freguesia de S. João das Caldas, bem como lhe pertence metade da agua explorada no dito cerrado.

Procede-se a esta arrematação por deliberação dos interessados no inventario de maiores por falecimento de D. Maria José Alves Pereira, viuva e moradora que foi na dita freguesia de S. Miguel das Caldas, ficando por conta do arrematante ou arrematantes todas as despesas da arremata-

ção e a contribuição de registo por titulo oneroso.

Ficam pelo presente citados quaesquer credores incertos da inventariada.

Guimarães, 19 de outubro de 1918.

Verifiquei.

Santos.

O escrivão do 1.º officio

Amando da Costa Nogueira.

Acaba de aparecer

Almanaque Bertrand

para 1919

Livrarias Aillaud & Bertrand

RUA GARRET—LISBOA

**“ATLANTICA,”
Companhia de Seguros**

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social... Esc. 500.000\$00
» realizado. » 50.000\$00
Fundo de reserva » 150.000\$00

SÉDE: LOYOS, 92—PORTO

Recelta de 1914... Esc. 36.988\$03.5
» » 1915... » 71.197\$29.3
» » 1916... » 537.897\$91.6
» » 1917... » 3.139.404\$23

Sinistros pagos em 1914 E. 22.601\$41
» » 1915 » 25.903\$15
» » 1916 » 153.470\$90.5
» » 1917 » 1.427.035\$74

AGENCIAS EM FRANÇA, INGLATERRA, NORUEGA SUECIA, DINAMARCA, ESPANHA E EGITO

Seguros contra fogo.—Seguros contra fogo e roubo.—Seguros contra grèves e tumultos.—Seguros agricolas.
Seguros contra quebra de cristais.—Seguros de guerra.
Seguros marítimos e postais.—Seguros contra inundações e encurradas.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão
Jaime de Sousa | Directores

Agentes em todas as terras do país

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

DELEGAÇÃO EM GUIMARÃES

Passeio da Independencia, 102 a 105

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital: 500.000\$00 escudos

Seguros contra accidentes de trabalho

Seguros contra fogo

Seguros de vida

Seguros de transportes

Seguros contra roubos

Seguros de cristais.

Correspondente na Corredoura (S. Torcato):

João Vasco Cardoso Guimarães.